

“Abrandamento em terra, recessão à vista?”



Fonte: Google images

Um dos temas que está na ordem do dia é o abrandamento económico associado ao risco de uma eventual recessão global, como consequência dos choques sucessivos da oferta, das subidas da inflação e das taxas de juro, das consequentes descidas dos salários reais e do rendimento líquido das famílias. Adicionalmente, surgiu um conflito regional de cariz global, com complexos impactos sociais e materiais, que se fazem sentir de forma transversal nas expectativas dos diferentes agentes económicos.

Todos estes aspetos são verdadeiros e facilmente comprovados, mas representam só um dos lados da realidade económica e social que emerge deste pós pandemia. Existem outras dimensões, não menos relevantes, que também devem ser enunciadas.

Uma primeira dimensão a reter é que a pandemia acelerou uma tendência de (re)industrialização do Ocidente, que vinha com algumas sementes lançadas pela política aduaneira da anterior Administração Americana, mas que a pandemia acabou por expor a nu essa necessidade de (re)industrialização. Entretanto, a invasão da Ucrânia limitou-se a cristalizar irremediavelmente essa mesma necessidade, criando um nova ordem, ao lançar as bases para a criação de um novo “Mercado Comum” no Ocidente. Esse é provavelmente também um dos fatores que explica o motivo pelo qual no Ocidente assistimos a um salto brusco dos preços de muito bens e serviços, mas que transversalmente também exista tanta falta de mão-de-obra.

Uma segunda dimensão prende-se com o facto dos Bancos Centrais no Ocidente, terem sido demasiado lentos em admitir que tinham de gradualmente começar a retirar os enormes estímulos monetários em que as suas economias estavam expostas. Há menos de um ano a FED ainda fazia tabu para reduzir o seu programa de ativos, enquanto agora se precipita a subir taxas de juro, dando imprecisos e sucessivos sinais contraditórios aos agentes económicos. Por outro lado, o BCE viciou a sua economia em taxas de juro negativas durante demasiado tempo, vendo-se agora aflito em normalizar a sua política e, simultaneamente, garantir o seu compromisso de evitar a fragmentação financeira. Mas não obstante este período conjuntural de subida de taxas de juro, as taxas de juro reais e nominais vão continuar estruturalmente baixas a médio e longo prazo.

Esta reação tardia dos Bancos Centrais pretende apenas ter um efeito placebo, porque na prática para grande parte desta inflação, a política monetária é ineficaz e em alguns casos contraproducente.

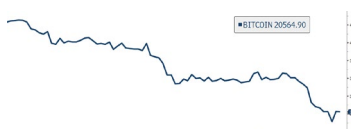
O mundo confrontou-se com múltiplos choques do lado da oferta, nomeadamente nas cadeias de abastecimento, na energia, nos bens alimentares e na realocação dos recursos derivado das novas políticas de (re)industrialização. Por tudo isto, tivemos um súbito *rerating* de preços de muitas matérias-primas e consequentemente de muitos bens e serviços. Mas depois de alcançado este novo patamar de preços, não significa que a partir de agora teremos uma subida sustentada dos mesmos. A economia global começa a normalizar-se e a recompor-se nesta nova era pós-Covid, sendo que muitos dos efeitos perniciosos que as roturas de abastecimentos provocaram começam gradualmente a dissipar-se. Este é apenas o desfecho lógico de uma economia de mercado onde a tecnologia assume um papel cada vez mais eficiente na alocação cada vez mais eficiente de recursos.

Uma terceira dimensão que não deve ser de todo desvalorizada são as dinâmicas próprias do mercado imobiliário. É intuitivo entender que taxas de juro mais elevadas vão arrefecer parcialmente o mercado imobiliário, mas desta vez, sem um impacto material nas suas dinâmicas. Para além de que persiste escassez de oferta de casas em praticamente todos os países no Ocidente, os riscos de execuções e de vendas forçadas são diminutos, fruto dos elevados níveis de emprego e dos baixos valores faciais dos empréstimos nos livros dos Bancos. Acresce o facto, de que os Bancos estão extremamente bem capitalizados e que a riqueza líquida das famílias em termos agregados subiu durante a pandemia derivado das poupanças. Mas o fator mais relevante que ocorreu neste mercado, adveio das alterações subjacentes da procura, onde a forte alteração das necessidades e das preferências dos consumidores conferiu à habitação uma prioridade superior. A dimensão dessa prioridade foi de tal ordem, ao ponto de quase se equiparar a importância de deter uma casa própria, à necessidade de mobilidade intrínseca que está subjacente na detenção de uma segunda habitação.

É neste contexto, que o mundo acorda neste pós pandemia, onde os dissabores de uma guerra geram a formação de expectativas de uma desaceleração económica mais pronunciada, relegando temporariamente para segundo plano, toda a grandeza de uma alteração estrutural das preferências dos consumidores, num quadro de uma maior sustentabilidade e de um brutal choque tecnológico.

[Clique aqui para aceder ao artigo completo recentemente publicado na Funds People.](#)

Bitcoin: o que geralmente não recupera são os ativos puramente especulativos...



Fonte: BBVA AM Portugal, Bloomberg

» Na Europa

- Balança comercial de abril (21-jun).
- Dado preliminar da confiança do consumidor e testemunho da presidente do BCE no Parlamento Europeu (22-jun).
- Índice preliminar de atividade de junho (23-jun).
- Índice de atividade IFO na Alemanha (24-jun).

» Nos EUA

- Vendas de casas existentes em maio (21-jun).
- Testemunho bianual do presidente da FED no Senado Americano (22-jun).
- Pedidos de subsídio de desemprego semanais e índice preliminar de atividade de junho (23-jun).
- Indicador final da confiança do consumidor da Universidade de Michigan (24-jun).

» No Japão

- Índice preliminar de atividade de junho (23-jun).
- Dados da inflação de maio (24-jun).

» Na China

- Definição das prime rates (20-jun).

» Resto do Mundo

- Reunião do Banco Central da Indonésia (23-jun).
- Inflação do Brasil em (24-jun).

BBVA AM Portugal

Jorge Silveira Botelho

Luís Sancho

Tel: 21 311 7590

E-mail: bbvaassetmanagement.pt@bbva.com

AVISO LEGAL

Este documento foi preparado pelo Banco Bilbao Vizcaya Argentaria S.A. – Sucursal em Portugal (BBVA) é disponibilizado com fins meramente informativos, tendo por referência a data da sua publicação, podendo, por isso, tais informações sofrer alterações como consequência da flutuação dos mercados. O presente documento não constitui uma proposta, oferta, convite, conselho ou qualquer tipo de sugestão destinada à subscrição, aquisição de instrumentos financeiros ou à celebração de qualquer tipo de operação relativa a produtos ou serviços financeiros, nem o seu conteúdo constituirá a base de qualquer contrato, acordo ou compromisso.

A informação sobre o património ou produtos, que podem ser revelados tanto individualmente como conjuntamente, agrupados numa posição global, é classificada e valorizada com critérios e parâmetros que podem variar de uns produtos para outros.

O conteúdo desta comunicação baseia-se em informações disponíveis e disponibilizadas ao público em geral, consideradas fidedignas. Como tal, esta informação não foi independentemente verificada pelo BBVA e por isso nenhuma garantia, expressa ou implícita, poderá ser dada sobre a sua fiabilidade, integridade ou correção.

O BBVA reserva-se o direito de atualizar, modificar ou eliminar a informação contida na presente comunicação sem aviso prévio. Caso da informação contida neste documento resulte a referência a rendibilidades passadas de algum(ns) valor(es) mobiliário(s) ou a resultados históricos de determinados investimentos, tais referências não poderão em caso algum ser entendidas como garantia, indicação ou sugestão de rendibilidades futuras. Qualquer comissão que o BANCO possa receber, paga por entidades gestoras de ativos adquiridos em virtude do exercício da sua atividade de gestão de carteiras, serão revertidas ao CLIENTE. Ao abrigo e em estrita observância da sua política de conflito de interesses, os seus colaboradores ou alguma entidade pertencente ao Grupo BBVA, poderá ter uma posição em qualquer dos valores objeto direta ou indiretamente deste documento, poderá negociar por conta própria ou alheia com tais valores, prestar serviços de intermediação financeira ou de outro tipo aos emitentes dos valores mencionados ou a empresas a ele vinculadas, bem como ter outros interesses nos ditos valores.

Em face do exposto, o BBVA não poderá em caso algum ser responsabilizado por decisões de investimento ou de operações sobre instrumentos financeiros que os leitores tomem com base no mesmo.